

JOÃO PENHA E A BRAGA DO SEU TEMPO

EDUARDO PIRES DE OLIVEIRA*

São quatro as datas fundamentais na vida de João Penha¹: (1) nasceu em Braga em 1838; (2) foi para Coimbra em 1862, com 27 anos, (3) de onde regressou em 1873, com 34; e (4) morreu em Braga em 1919. A sua influência pode ter-se estendido a todo o país ou, melhor dizendo, apenas a um certo país, o dos poetas e o dos seus companheiros de Coimbra. Foi na cidade onde viveu menos tempo, Coimbra, que explodiu. Seria aí tão conhecido que, pode dizer-se, foi rei e senhor do coração da cidade, dos seus estudantes. Em contrapartida, em Braga, sua cidade natal, quase se pode afirmar que não existiu.

Sim, em Braga foi tão só um monge que penava no seu escritório, ouvindo os clientes ou escrevendo minutas, petições e apelações para defender o que julgava serem os direitos que lhes pertenciam. Vivia numa casa que, significativamente, também era o seu ponto de trabalho. Além disso pouco mais fazia, apenas um passeio higiénico ao fim da tarde, que incluía um breve sonho quando olhava para as lombadas das estantes na livraria Chardron, sala onde também mantinha algumas conversas secas e bem en-sossas, nada semelhantes às que tivera em Coimbra. E, claro, ao domingo não deveria faltar à missa, o que não deixava de ser uma forma de sair de casa, arejar um pouco.

* ARTIS. Instituto de História de Arte/Universidade de Lisboa.

¹ Atendendo a que o livro de Elsa Pereira (PEREIRA, *ed.*, 2015) é extremamente completo e preciso, remeteremos para lá a maior parte das citações e referências que fizemos em notas de rodapé.

A verdade é que em Braga João Penha não existia. Se percorrermos os jornais da cidade, se confrontarmos os seus anuários, veremos que nestes ele aparece tão-somente como advogado, ocupando apenas uma linha perdida no meio de uma floresta de letras e de linhas.

Ao contrário de muitas outras personalidades da cidade, ele restringia-se como um eremita à sala que lhe servia de escritório. Ao contrário de muitas personalidades de Braga, não foi professor do Liceu — terá tentado? —, nem vereador da Câmara, nem, tanto quanto sabemos, mesário em uma das muitas confrarias que então estavam numa certa efervescência na cidade pois havia bastante dinheiro, quer o trazido pelos «brasileiros torna-viagem», quer o de um comércio que fora muito revitalizado, quer, ainda, o que podia provir de instituições bancárias, como o Banco do Minho. É também não foi diplomata de um país latino-americano como o seu parente José Maria de Lima San Romão que era vice-cônsul do Uruguai...²

A verdade é que não foi uma vida ativa que quis cultivar na sua cidade de origem, mais parece ter preferido o sepulcro a uma tasca, o silêncio ou as palavras a meia-voz da morna tertúlia da sala da livraria Chardron³ à vivacidade dos debates políticos na Câmara Municipal, aos confrontos com alunos numa turma do liceu ou, até, à untuosa água benta dos padres, beatas, sacristias e confrarias.

Em Braga nada havia daquele João Penha que em Coimbra fora «*Nervoso mestre, domador valente/Da Rima e do Soneto Portuguez*», para usar as palavras de Gonçalves Crespo, em 1913⁴.

É certo que o poeta já dissera que abominava a sua terra natal⁵:

Imagem agora em que talas me não acharei eu em Braga, terra de monotonia e do somno, da pasmaceira e da preguiça...

...O principal assumpto de Braga é o teatro. Quarta feira foi á scena a Cisterna Encantada. É uma das melhores zarzuelas que a empresa nos tem dado: a musica é lindissima e sabiamente escripta.

Mas qual seria a verdadeira maneira de ser de João Penha? A da estúrdia, a da impressionante vivacidade que manteve em Coimbra ou a morníssima pacatez da

² *Almanach de Braga e seu Districto... para o anno de 1895...* (1894: 186). João Penha, isto é, o *Dr. João d'Oliveira Penha Fortuna* está incluído nos *Advogados* que eram então em número de 11. Como nos demais é indicado o seu endereço: Campo D. Luiz, 107. O Campo D. Luiz corresponde hoje em dia ao Campo da Vinha.

Almanach Bracarense (ecclesiastico e civil) para o anno de 1912 (1911: 111). São indicados aqui 14 advogados.

³ «Eram então frequentadores da casa do bom Eugénio, mas raras vezes ali se encontravam todos reunidos, Alberto Braga, Gonçalves Crespo, dr. Correia, Emygdio de Oliveira, Cunha Vianna, Dr. Luiz Maria, Gaspar Leite, João Penha, Alfredo Campos e alguns professores do Lyceu e do Seminario» (PEREIRA, ed., 2015: 73).

⁴ PEREIRA, ed., 2015: vol. I, 19-20.

⁵ PEREIRA, ed., 2015: vol. I, 35.

sua Braga natal? Num primeiro pensamento somos levados a acreditar que Coimbra seria para ele a vida, a alegria. Ele, um agitador de águas e de mentes. Mas se era assim por que é que o seu corte em Braga foi tão radical?

Elsa Pereira, servindo-se das palavras de um seu contemporâneo, acredita que a sua pacatez bracarense era reflexo de algo interior, de algo que era inerente à sua maneira de ser:

João Penha estava pois longe de ser um revolucionário; era antes um conservador [que segundo Alberto Pimentel] amava «a tradição da arte, os velhos pergaminhos da língua, a lição clássica dos mestres, a compostura aristocrática da phrase...»⁶

Mas se naqueles meses a «sua» Coimbra era assim pacata por que é que se recusava vir a Braga passar os meses das férias grandes? Por que é que durante o período maior de férias ficava em Coimbra praticamente sozinho, sem amigos para o acompanhar nas incursões pelas tavernas e sem companheiros para discutir os temas mais quentes da poesia ou da prosa? Vejamos as suas palavras abaixo, que parecem ser de queixa:

Coimbra era a cidade mais profética do mundo — do mundo meu conhecido. Era no mês de Junho, e a academia, na sua quasi totalidade, fechadas as aulas, partira em debandada para longes terras, deixando-me só. Porque não partira eu também? Exactamente porque, para mim, Coimbra era a cidade mais poética do mundo. Todos os dias, ao cair da tarde, seguia eu pela ponte fora...⁷

As suas lamúrias não se restringiram apenas ao isolamento estival coimbrão. Em Braga lamentava que a cidade desconhecesse as principais novidades do país, isto é, que a Braga «não chegavam sequer muitos dos jornais com as polémicas que marcavam a actualidade»⁸.

Essa seria, sem dúvida, uma das razões principais para não querer aceitar, para não ter prazer em viver na sua cidade natal. É natural que não gostasse de viver *numa cidade de província onde os elementos intelectuais não abundam* utilizando agora as palavras de Teixeira de Queirós, de 1910⁹, palavras que seriam corroboradas poucos anos depois, em 1916, por Antero de Figueiredo, um homem que conhecia muito bem a cidade pois tinha aí uma casa numa rua bem central, a de S. Marcos:

⁶ PEREIRA, ed., 2015: vol. I, 55.

⁷ PEREIRA, ed., 2015: vol. I, 56.

⁸ PEREIRA, ed., 2015: vol. I, 68-69.

⁹ PEREIRA, ed., 2015: vol. I, 69.

*O meu amigo vive inteiramente isolado principalmente de artistas que são reles que não habitam em Braga...*¹⁰

E acrescentava:

De resto, João Penha foi um produto coimbrão. Em Braga é exótico...

Mas será que Braga era efetivamente uma cidade parada, sem vida, amorfa, como nos quer fazer crer João Penha? Que era uma sacristia, como mais tarde lhe chegou a chamar Aquilino Ribeiro? Ou seria uma cidade normal, com uma certa vida social, ou económica, onde se sabia o que se passava no país, na política, na sociedade e nas letras?

Vejamos um aspeto, o das artes plásticas: João Penha tinha uma coleção de gravura em que se notava uma certa predileção pela água-forte. Muito possivelmente não teria pintura a óleo devido a o preço ser mais elevado. O seu gosto estava dentro do que era então corrente: os nomes que refere nas obras da sua coleção pertencem sobretudo às escolas realista e romântica, mas não deixava de olhar também para sensibilidades mais antigas, concretamente para Gérôme e Fragonard¹¹.

Num dos seus poemas foi muito explícito sobre a sua sensibilidade artística:

*Ácerca das artes bellas,
Foi sempre meu pensamento
Que não há, por fóra dellas
Para ninguem salvamento*

*Tudo me serve: a pintura
A propria litografia
Boa musica, a esculptura
E sobretudo a poesia*¹²

Em Braga não encontraria incentivo para este seu gosto. A pintura que se fazia era muito fraca, retratos empastelados, fossem os realizados pelos pintores bracarenses

¹⁰ PEREIRA, ed., 2015: vol. I, 68-69.

¹¹ PEREIRA, ed., 2015: 67.

¹² PEREIRA, ed., 2015: 31.

que trabalhavam a óleo¹³ — gosto que, porém, estava a perder muito rapidamente terreno para a fotografia que era mais fácil de conseguir, quase imediata e, quiçá, mais barata — fosse dos que vinham de fora, da Póvoa de Varzim e de Viana do Castelo, não sendo assinalados pintores do Porto¹⁴. Alguma modernidade que poderia ter sido trazida pelo lisboeta Pereira Cão (José Maria Pereira Júnior, Setúbal 1841–Lisboa 1921) parece que não passou da decoração dos interiores das casas de algumas das principais personalidades da cidade, de gosto desigual, uns de paleta mais dura e outros mais aberta, sobretudo quando copiavam pinturas de artistas afamados.

Mas a verdade é que em Coimbra também não deveria ter podido usufruir de uma atualização da sua sensibilidade pictórica, ter visto pinturas em que se afirmavam as mais recentes tendências. E olhando bem para a produção nacional, temos que dizer que, com total contento, nem no Porto, nem em Lisboa o conseguiria, embora aí houvesse muito, muito mais para onde espriar o olhar.

Há, porém, uma pergunta que tem de ser colocada: será que Braga era uma cidade assim tão retrógrada, tão relapsa à novidade? Será que Braga era uma cidade que na passagem para o novo século XX ainda vivia com cem anos de atraso, com gostos anteriores às Invasões Francesas?

Vejamos a sociedade. A Igreja era, sem dúvida, muito poderosa. Era ela que moldava a sociedade, em termos que podia fazer remontar muitas ideias a alguns séculos atrás, aos tempos do concílio de Trento. A Igreja tinha através das confrarias um poder imenso, ampliado que era nas paróquias, nos colégios particulares e, até, no liceu, que chegou a ter padres a ocupar o cargo de reitor. Mas a Igreja não era tudo.

Importante, também, era a sociedade dominante. E, neste campo, há uma forte mudança como, aliás, em todo o país. É certo que a nobreza, que em Braga era sobretudo uma pequena nobreza, tinha uma sensibilidade mais adepta dos valo-

¹³ Veja-se, por exemplo, a apreciação cáustica feita em 1842 por Félix Lichnowsky sobre o conjunto de retratos existentes na sacristia do Bom Jesus do Monte, de certa forma representativa sobre a pintura que se praticava em Braga, e sobre o gosto da cidade: «Para formar um contraste singular com a Igreja do Bom Jesus do Monte, inteiramente destituída de quadros, há duas pequenas sacristias cheias de retratos, que na verdade são tal mal pintados e representam indivíduos tão obscuros que só desempenham um fim — aquele para que ali foram colocados, e vem a ser excitar a vaidade para obter doações a benefício da igreja; com efeito são esses os retratos de todos os benfeitores daquele estabelecimento de devoção, que alcançaram o direito de expor as suas fisionomias à crítica do público; nunca vi uma reunião de mais disformes feições, nem maior miscelânea de cabeças tais, como raramente se encontram no mundo. Entre todos eles fiz apenas o reparo que junto ao último Duque de Cadaval, que era o sacristão-mor daquela igreja e que apresenta um rosto juvenil à la Regence, acha-se a velha fisionomia tuberculosa, a cabeça de um cervejeiro de um rico burguês de Braga que mandou concluir os pequenos jardins da montanha. Tudo aquilo junto era tão horriavelmente feio que foi para mim o mais cordial prazer sair desse recinto; e caminhando por entre carvalhos, pinheiros, cedros e toda a espécie de viçosos arbustos, dirigi-me a Braga, procurei o repouso do sono, após um dia algum tanto laborioso[...]» (LICHNOWSKY, 2006: 26-27).

¹⁴ Sobre a arte em Braga no período em que João Penha viveu veja-se o nosso estudo OLIVEIRA, 1999.

res dos absolutistas que dos liberais. Mas também é certo que essa nobreza estava a perder algum terreno para a burguesia, não uma burguesia industrial, mas sim uma burguesia comercial, infelizmente com muito pequena formação escolar.

João Penha poderia ter tido uma sensibilidade bem diferente, poderia ter olhado para a cidade de outra forma. Nascido em 1838, acompanhou as dificuldades das lutas da «Maria da Fonte» na idade de em que frequentou a escola primária. Mas na sua adolescência os tempos eram outros. A partir de 1853 a cidade tinha já um jornal, sendo que no ano seguinte passou a contar com três; e com quatro em 1854. Ora, jornais diferentes quer dizer ideias diversas, abertura, discussão. Por muito rudimentares que pudessem ser estes debates, eram sempre algo de muito positivo.

Mas a década de 1850, repito, a da adolescência de João Penha, não se pautou em Braga apenas pelo surgir de diversos jornais. Há outro fator muitíssimo importante a considerar: a abertura de estradas. Nos anos de 1856 e 1857 começam a alargar-se e a rasgar-se novas estradas, para o Norte (Monção), para Guimarães e, sobretudo, para o Porto.

Dizemos sobretudo para o Porto porque esta cidade era muito mais arejada de ideias que Braga. O Porto não fora uma cidade pautada durante séculos pela religião; o comércio é que marcara a sua economia e sociedade. Não era por uma qualquer razão que as populações transmontanas preferiam enviar os seus filhos para os colégios de Braga em vez de os mandar para o Porto. E, acentuamos, também não era por qualquer razão que no livro de Antero de Figueiredo *O último olhar de Jesus* a mãe do escultor que foi enviado para o Porto para melhorar a aprendizagem do seu ofício teme que o filho venha de lá cheio de novas ideias, ideais que se afastavam, seguramente, das que eram seguidas em Braga e que eram sobretudo pautadas pelos valores da sacrossanta igreja tridentina.

Vinte anos mais tarde, a partir de 1877, os horizontes abriram-se ainda mais pois a cidade passou a estar ligada não só ao Porto, mas também a Lisboa, e até à Europa, por transportes muito mais rápidos e agradáveis, ou seja, por uma linha de caminho-de-ferro. O descalabro de uma sociedade tradicionalista poderia então ter acontecido, pois agora era muito mais fácil aos quiosques de Braga receberem em tempo útil as revistas e outras novidades de Lisboa ou de Paris.

E entre estes quiosques temos que salientar um, o dos San Romão, no largo do Barão de São Martinho, em pleno centro da cidade, quiosque que foi o centro maior da cavaqueira, da discussão de novidades, ali bem ao lado da estação central das diligências que vinham do Sul. San Romão, ele próprio pintor¹⁵, primo de João Penha e em cujo jazigo o poeta está sepultado.

¹⁵ PEREIRA, *ed.*, 2015: 31.

Mas a cidade não se transformou apenas com a abertura de estradas e com a chegada do comboio. Naquela década de 1850 as transformações foram mais do que muitas: é nesse tempo, por exemplo, que começa a sair para o Brasil um sem fim de pessoas, anunciando-se as carreiras dos barcos na última página dos jornais bracarenses. Alguma dessa gente voltaria 20 ou 30 anos mais tarde muito rica, cheia de um dinheiro que queria mostrar, alindando e alterando a cidade com uma série de novas construções.

Foi também nas décadas de 1850 e 1860 que Braga perdeu as gelosias («Aleluia!. O sol de Braga alumia as suas virgens, que às janelas e por entre sorrisos lhe acenavam com os lenços. Tinham desaparecido as cataratas da cidade...»)¹⁶, o que de certa forma levou à abertura das casas e, sobretudo, a um muito menor isolamento das mulheres. Mulheres que, por essa mesma data, passaram a beneficiar de um jardim público onde podiam passear, embora em grupos familiares ou de amigas, e em que pontualmente podiam ouvir os concertos executados pelas bandas bracarenses no coreto desse mesmo jardim, inaugurado em 1868. As senhoras deixavam assim de ser vistas na rua apenas quando iam à missa; agora saíam de casa por razões diferentes, por muito fúteis que pudessem ser consideradas, como as idas ao novo teatro inaugurado em 1861, ao jardim, aos concertos.

Ou seja, na realidade estava a acontecer na cidade uma revolução. Braga estava a abrir-se, a transformar-se. Era agora outra bem diferente. Por muito tacanha que pudesse continuar a ser, por muito diferente que fosse de Coimbra — da Coimbra estudantil, diga-se — esta era já outra cidade, que em nada se poderia comparar com a de algumas décadas atrás.

Há um texto que mostra bem as diferenças que houve na cidade na segunda metade do século XIX. É o de D. António da Costa, no seu livro *No Minho*, de 1874. Poderá em muitos momentos apresentar uma visão exageradamente favorável, mas quando se analisam as transformações materiais da cidade havidas naqueles anos não podemos deixar de estar de acordo:

Quem há vinte anos visse a augusta Brácará, a Braga das tradições, a primaz das Espanhas, a cidade que de dia parecia um cárcere e à noite um cemitério, e a veja com a sua iluminação, com o seu teatro, com o seu jardim, com os seus prédios alindados, com as suas casas francas, com as suas ruas libertas, com os seus bancos de comércio, com os seus hotéis, durante a maior parte do ano a transbordarem de hóspedes, com o seu luxo, com a sua ressurreição, não dirá que seja a mesma cidade...¹⁷

¹⁶ COSTA, 1874: 23.

¹⁷ COSTA, 1874: 17-18.

E acrescenta:

*Mas então o que é hoje Braga?
É a antiga cidade, á qual tiramos o chapéu com respeito, ou a cidade moder-
na, em cujo seio nos lancemos a sorrir?*

Não é nenhuma delas de per si e é ambas juntas.

*Vês aquela senhora, leitor? anciã, não de senilidade graciosa e repelente, mas
atraindo pela consideração e simpatia? grave da sua presença, senhoril toda ela
da fidalguia mais distinta? franqueando a todos o palácio? estendendo a todos a
mão?*

*Vês? Mas vê também como ela vem remoçada, não velha dengosa, queren-
do casar, de cabelos pintados, de sobrolhos postiços, de carmim a desfazer-se-lhe,
porém com seus cabelos alvos, formosamente penteados, trajo da mais fina ele-
gância, sorriso delgado e leal, olhar franco e doce, falas cativando pela bondade;
anciã, para a qual simpaticamente corremos; rapariga, diante da qual respeitosa-
mente nos curvamos. Vês aquela senhora?*

É Braga.

É muito interessante referir que D. António da Costa publicou estas palavras em 1874. Ou seja, quase no mesmo ano em que João Penha voltou a Braga, 1873.

Como se pôde ver, Braga recebeu uma série enorme de alterações. Radical, João Penha não quis aceitar a sua saída de Coimbra, não quis sequer tentar a hipótese de encontrar na cidade natal um pouco do que vivera na cidade de adopção.

Mais ainda: vendo no que a sua vida se iria transformar, que teria forçosamente de ser totalmente diferente, arredou caminho, fechou-se a sete chaves. E nem mesmo quando saía à rua se alterava, pois nos seus passeios higiénicos pela cidade mais parecia que procurava encontrar as memórias das passadas que dera no dia anterior¹⁸ — e nos dias e semanas e meses anteriores —, do que receber lufadas de ar fresco que lhe inundassem os pulmões e o libertassem do cheiro das velas ou das candeias de azeite que deveria respirar no seu escritório.

BIBLIOGRAFIA

- ALMANACH de Braga e seu Districto... para o anno de 1895... (1894). Braga: Livraria Central Editora.
ALMANACH Bracarense (ecclesiastico e civil) para o anno de 1912. (1911). Braga: Typographia a vapor Augusto Costa & Mattos.
ALMEIDA, Fialho de (2000) — *Não é divertido Braga a esta hora*. Braga: Fundação Bracara Augusta.
COSTA, António da (1874) — *No Minho*. Lisboa: Imprensa Nacional.

¹⁸ PEREIRA, ed., 2015: 72-73.

- LICHNOWSKY, Félix (2006) — *Braga. Recordações do ano de 1842*. Braga: Fundação Bracara Augusta.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1999) — *Arte religiosa e artistas em Braga. 1870-1930*. Braga: Edições APPACDM.
- PEREIRA, Elsa (2015) — *Obras de João Penha. Edição crítica e estudo*. Porto: CITCEM.